



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Catarina Filipa Gomes Rocha

***Genderbullying e Ódio Online: uma Revisão Sistemática sobre os Impactos em
Pessoas Não-Heteronormativas***

Trabalho realizado sob a orientação de
Professora Doutora Joana Cabral

junho 2021



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Catarina Filipa Gomes Rocha

***Genderbullying e Ódio Online: uma Revisão Sistemática sobre os Impactos em
Pessoas Não-Heteronormativas***

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia
14/06/2021, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof^ª. Doutora Carla Margarida Vieira Antunes (Professora Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto)

Arguente: Prof^ª. Doutora Andreia Patrícia Guimarães Machado (Professora Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto)

Orientadora: Prof^ª. Doutora Joana Maria Barreto Ramos de Almeida Cabral (Professora
Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

junho 2021

É autorizada a reprodução parcial desta dissertação, apenas para efeitos de investigação,
mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete

Agradecimentos

À Professora Doutora Joana Cabral, pelo incentivo e orientação prestada. Agradeço-lhe pelo apoio no decorrer deste percurso, pelas opiniões e críticas e pela colaboração no solucionar de dúvidas e problemas que foram surgindo durante a elaboração desta dissertação.

Aos meus colegas de grupo de dissertação, pelo apoio e companheirismo. Agradeço também pela partilha de experiências, conhecimentos e dúvidas no decorrer deste processo.

À minha família, pela força, apoio e compreensão. Por nunca me deixarem desistir e por acreditarem sempre nas minhas capacidades.

Aos meus amigos, pelo permanente incentivo, pela preocupação e por estarem sempre presentes.

Genderbullying e Ódio Online: uma Revisão Sistemática sobre os Impactos em Pessoas Não-Heteronormativas

Resumo

O investimento na investigação sobre o *cyberbullying* e a diversidade sexual e de género tem aumentado, mas no que diz respeito ao impacto que as representações tradicionais e binárias da sexualidade e do género – *genderbullying* -têm sobre as vítimas em contexto *online*, a evidência carece de sistematização. O objetivo deste trabalho é rever e sistematizar a literatura sobre os impactos da exposição do *genderbullying* e discurso de ódio entre pessoas não hétero-cis-normativas (LGBT). Procedeu-se a um levantamento sistemático da literatura científica entre janeiro de 2014 e dezembro de 2019 em duas bases de dados científicas e indexadas (*PycInfo* e *Web of Science*) com o objetivo de identificar estudos empíricos sobre as variáveis-alvo desta revisão. Dos 319 artigos triados inicialmente, dez cumpriram integralmente os critérios de inclusão definidos. Os resultados revelaram que indivíduos LGBT e que não se conformam com o género apresentam um risco mais elevado para problemas de saúde física e mental. Nesta revisão são discutidas as principais limitações e implicações para a prática e formação clínicas, destacando-se a necessidade de investir em programas preventivos que reduzam o estigma e a discriminação.

Palavras-chave: *cyberbullying*; *genderbullying*; binarismo; diversidade sexual e de género; vitimização.

Genderbullying and Online Hate: A Systematic Review of Impacts on Non-Heteronormative People

Abstract

The investment in research on cyberbullying and sexual and gender diversity has increased but regarding the impact that traditional and binary representations of sexuality and gender – genderbullying – have upon the victims in an online context, the evidence lacks systematization. The purpose of this work is to review and systematize the literature on the impacts of the exposure of genderbullying and hate speech among non-hetero-cis-normative people (LGBT). A systematic survey of the scientific literature was carried out between January 2014 and December 2019 in two scientific and indexed databases (PycInfo and Web of Science) in order to identify empirical studies on the target variables of this review. Of the 319 articles initially screened, ten fully met the criteria on defined inclusion. The results revealed that LGBT individuals who don't conform to gender are at higher risk for physical and mental health problems. This review discusses the main limitations and implications for clinical practice and training, highlighting the need to invest in preventive programs that reduce stigma and discrimination.

Keywords: cyberbullying; genderbullying; binarism; sexual and gender diversity; victimization.

Índice

Índice de Tabelas e Figuras	7
Introdução	9
O presente estudo.....	14
Método	14
Metodologia de pesquisa	14
Seleção dos estudos	15
Codificação dos estudos.....	16
Estratégia de análise.....	17
Resultados	17
Características dos estudos	17
<i>Genderbullying</i> e Impacto na Saúde Mental.....	22
Discussão	24
Limitações.....	26
Limitações da presente revisão sistemática	27
Implicações para a prática e estudos futuros.....	27
Referências Bibliográficas	29

Índice de Tabelas e Figuras

Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos	16
Tabela 1. Síntese das características metodológicas	19

Lista de Abreviaturas**LGBT** – *Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgénero***PRISMA** – *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses***TIC** - *Tecnologias de Informação e Comunicação*

Introdução

A Internet é uma área que está em constante crescimento, assim como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). A sua elevada utilização por parte da população permitiu que estas adotassem um papel importante e de relevo na sociedade (Gercke, 2016). Embora existam muitos benefícios nos desenvolvimentos tecnológicos (e.g., aumento da rede social e de apoio), também existem vários riscos resultantes do uso da tecnologia (Runions et al., 2013).

O *cyberbullying* é a expressão de comportamentos de hostilidade, perseguição e difamação através das novas TIC (Pinheiro, 2009). Este refere-se ao uso de informações eletrónicas e dispositivos de comunicação, como *e-mail*, mensagens de texto, blogs, chamadas telefónicas, mensagens instantâneas e *websites* difamatórios para intimidar ou assediar um indivíduo ou um grupo. Apesar deste tipo de comportamento apresentar algumas características do *bullying* tradicional como o carácter agressivo, repetitivo e intencional e o desequilíbrio de poder entre o/a agressor/a e a vítima (Jahankhani et al., 2014) apresenta também particularidades e especificidades que o tornam num fenómeno em rede de fácil e ampla disseminação (Gagliardone et al., 2015). As agressões realizadas em contexto *online*, podem acontecer em qualquer altura e lugar, ou seja, excedem as barreiras do tempo e espaço (Gagliardone et al., 2015), dando a este tipo de vitimização uma continuidade extrema, sendo assim mais difícil escapar do mesmo (de Castro Schreiberb & Antunes, 2015). O anonimato é uma característica facilitadora do *cyberbullying*, pois os utilizadores podem ocultar a sua identidade atrás de pseudónimos ou nomes falsos, e utilizar a proteção da distância para expressar ódio contra outros indivíduos. As mensagens discriminatórias que fomentam o ódio podem ser propagadas e partilhadas de forma ampla e facilmente, através de comentários e partilhas nos diferentes canais de comunicação digital, de uma forma rápida e com um alcance abrangente. Desta forma, o/a agressor/a pode controlar a agressão sem estar exposto e percebe o risco de punição como reduzido (Wanzinack & Reis, 2015).

Willard (2005) enumera seis categorias de *cyberbullying*: (i) assédio – envio contínuo de mensagens; (ii) *cyberstalking* - envio frequente de ameaças de dano ou de mensagens de carácter intimidador; (iii) difamação – publicação de declarações falsas e cruéis sobre a vítima; (iv) personificação – quando o/a agressor/a se faz passar pela vítima com o objetivo de difamar a sua imagem e/ou a colocar em perigo; (v) violação

da intimidade – o/a agressor/a publica material que contenha informação privada e sensível sobre a vítima e (vi) exclusão – exclusão intencional de um indivíduo *online* (e.g., salas de chat, redes sociais, etc.). Por outro lado, Pinheiro (2009) define três níveis para o *cyberbullying*: (i) nível um – utilização da Internet exclusiva para perpetração da agressão; (ii) nível dois – continuidade do *bullying* para o *cyberbullying*, isto é, primeiro ocorre face-a-face prosseguindo para o contexto *online* e (iii) nível três, que se divide em duas categorias, a categoria mais leve onde a agressão é fotografada e partilhada na Internet com recurso a mensagens multimédia e a mais acentuada, onde a agressão é filmada, para depois ser disseminada.

Relativamente ao risco do *cyberbullying* é possível enumerar diversos fatores como: (i) passar muito tempo *online* e o uso intensivo das TIC; (ii) influência das TIC que impede o desenvolvimento do pensamento crítico; (iii) baixa qualidade de relação com familiares/pares; (iv) baixa auto-estima, baixa empatia e sentir-se sozinho e (iv) baixo apoio social. Não obstante, existem fatores protetores sendo eles: (i) qualidade da relação estabelecida entre familiares/pares, bem como a coerência entre as práticas utilizadas e a abertura para o diálogo e negociação adequada no que diz respeito ao uso das TIC; (ii) imposição de um limite de tempo para estar *online* ou restringir o acesso a determinados conteúdos e (iii) adquirir hábitos relacionados com a segurança *online* (Cortés et al., 2019).

A violência é transversal a vários grupos e circunstâncias sociais, contudo a pertença a alguns grupos resulta numa vulnerabilidade superior em relação à população geral, entre os quais se encontram indivíduos com sexualidades e expressões de género diversas ou não hétero ou cisnormativas. A discriminação da qual estes grupos são alvo assume muitas vezes a forma de violência simbólica (i.e., relacionada com a linguagem), sendo que estas pessoas são colocadas numa posição de inferioridade por não estarem em conformidade com a heteronormatividade e/ou das normas de género socialmente e culturalmente estabelecidas. Na sociedade existem algumas representações compartilhadas e valorizadas, como por exemplo, o comportamento adequado para cada indivíduo mediante o seu sexo biológico (Monforte & Colomer, 2019). Estas normas relacionam e unem o sexo biológico e o género, enquadrando-se no sistema ideológico do heterossexismo, o que leva à discriminação de todos os comportamentos ou identidades que não se enquadrem nesta imposição. Importa ainda considerar que a identidade sexual de cada pessoa não é definida pelo sexo biológico,

mas engloba três dimensões para a sua construção: a identidade de género, os papéis sexuais e a orientação sexual dos quais as pessoas LGBT são tomadas como transgressoras (Almeida & Carvalheira, 2007). Desde a infância são leccionados às crianças comportamentos definidos como adequados, para homens e mulheres, tendo em conta a norma, a heterossexualidade. Estes criam diversos condicionamentos, no que se refere à expressão individual de cada pessoa. Esta imposição é observável, por exemplo, em relação aos brinquedos dados às crianças (e.g., bonecas para as meninas e carros para os meninos) ou às cores (e.g., rosa para meninas e azul para meninos) (Santos, 2018). As representações sociais associadas ao género levam à estereotipização de indivíduos que não se enquadram nas normas estabelecidas e as pessoas LGBT encontram-se neste grupo, pois os homossexuais não se enquadram na ideologia estabelecida pela sociedade relativamente aos papéis de ser “homem” e “mulher”, portanto, a homossexualidade é vista como uma violação das normas de género (Courtenay, 2000). A identidade de género consiste no modo como um *gender neutral* se reconhece e apresenta perante a sociedade, tendo em conta o papel social do género e o sentimento individual de identidade (De Jesus, 2012). Este conceito refere-se assim à experiência pessoal de género de uma pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo que lhe é designado à nascença e que inclui a relação individual com o corpo e outras expressões de género (e.g., forma de vestir, de falar ou maneirismos) (ILGA, 2013). A construção da identidade de género é individual, socialmente organizada e construída e não decorre, de forma exclusiva ou essencial, de fatores estritamente biológicos, mas da identificação pessoal e individual com um determinado género (e.g., masculino, feminino, ambos, outro ou nenhum) (De Jesus, 2012). Geralmente, o sexo de uma pessoa é designado à nascença e a partir desse momento assume uma função social e legal, no entanto, algumas pessoas têm dificuldades em identificar-se com o sexo atribuído, sendo denominadas transgéneros, e outras não, cisgénero (ILGA, 2013). Estes indivíduos identificam-se com as crenças partilhadas pela sociedade e são considerados binários. Por outro lado, há indivíduos que não vivem ou experienciam o género na modalidade binária e antagónica, reconhecendo que não pertencem exclusivamente às categorias homem/masculino ou mulher/feminino, denominados não-binários. Um indivíduo não-binário também se pode apresentar como “*genderqueer*” ou declarar que apresenta uma identidade de género “não-conformista”. Desta forma, é de notar que o *bullying* ou o *cyberbullying* de teor homofóbico pode ser

dirigido quer a pessoas homossexuais, quer a pessoas heterossexuais, não pela sua orientação sexual, mas muitas vezes por quebrar os estereótipos de género que estão presentes na sociedade e na cultura (Merlini, 2019).

A homofobia é uma das expressões de “violência simbólica” (Dantas & Neto, 2015), sendo que esta se pode refletir em diferentes comportamentos discriminatórios ou de violência que podem abranger assédio, discriminação, preconceito e atos de violência e ódio sobre estes grupos (Herek, 2004). Esta pode constar de um ódio generalizado dirigido não só às pessoas LGBT mas também àquelas que pelo seu comportamento podem ameaçar a validade dos padrões tradicionais de género ou sobre aqueles percebidos como tal (Dantas & Neto, 2015).

O conceito de homofobia tem vindo a ser considerado insuficiente e inadequado (i.e., em desuso) para descrever preconceito e os comportamentos discriminatórios para com estes grupos, o que originou a construção do termo heterossexismo, que representa um sistema de crenças heteronormativo e que afirma a superioridade da heterossexualidade sobre as outras formas de orientação sexual, abrangendo a estigmatização de qualquer forma de expressão ou comportamento percebido como não-heterossexual, incluindo relacionamentos ou identidades (Alden & Parker, 2005). Desta forma, a homofobia e o heterossexismo constituem um ódio generalizado não só às pessoas homossexuais mas também aquelas que são assim percebidas ou consideradas (Dantas & Neto, 2015).

O *cyberbullying* é uma das modalidades discriminatórias comuns da intimidação motivada pela homofobia (Cuellar & Acosta, 2013). Este fenómeno pode ser justificado pelo ódio e pelo preconceito e tira frequentemente partido das redes sociais, para o recrutamento de indivíduos para grupos de ódio *online*, jogos que reforçam o preconceito baseado no ódio e a formação de comunidades *online* baseadas no ódio formadas por camadas jovens (Willard, 2005). As formas manifestas de homofobia e transfobia *online* incluem ameaças, insultos, discurso de ódio difamatório e assédio, enquanto as formas mais subtis são expressas por comentários heteronormativos e heterossexistas (Pescitelli, 2013). Os autores Varjas, Meyers, Kiperman e Howard (2012), no seu estudo, mostram que 61% dos/as participantes mencionam a orientação sexual como um motivo frequente da vitimização em contexto *online*. Ademais, segundo Wiederhold (2014), os/as jovens que se identificam como LGBT ou que

questionam a sua identidade sexual são, talvez, o grupo mais afetado pelo *cyberbullying*.

Dados empíricos revelam uma vulnerabilidade acrescida, entre indivíduos LGBTQ para problemas de saúde física e mental do que indivíduos heterossexuais, pela exposição a um processo contínuo de stress, devido ao estigma, preconceito e discriminação (Frost et al., 2015). A teoria do stress minoritário, apresenta-se como uma das teorias mais fundamentadas para a saúde de indivíduos LGBT, esta mostra que a exposição ao estigma e discriminação pode advir em resultados negativos em termos de saúde física e mental, devido a um conjunto de fatores de stress persistentes incitados pela sociedade. Desta forma, exige uma maior adaptação e resposta ao ambiente social, podendo causar um sofrimento significativo (Gonçalves et al., 2018).

A vitimização destes grupos apresenta consequências a curto, médio e longo prazo para as vítimas (Carrera-Fernández et al., 2019). Campbell et al. (2013) realizou um estudo com 3.112 indivíduos, onde 59% dos participantes consideram o *cyberbullying* grave ou muito grave e 30% referem que afeta gravemente a sua vida, 47,7% consideram o *bullying* tradicional pior, 35,5% igual, e 16,7% acham o *cyberbullying* pior. As vítimas de *bullying* em contexto *online* apresentam mais quadros de ansiedade, depressão e dificuldades sociais do que as vítimas de *bullying* tradicional. No estudo de Slonje & Smith (2008), os autores mostram que fotos e vídeos publicados *online* causam um maior impacto e gravidade do que as formas tradicionais de *bullying*. Não obstante, Straude-Muller et al. (2012) mostram que a agressão relacional quando exercida *online* é mais prejudicial do que a violência no meio físico, tais como agressão verbal ou o assédio sexual.

É possível verificar que indivíduos LGBT apresentam um risco substancialmente maior, comparativamente a pares heterossexuais, de vitimização, de sintomatologia clínica e de problemas de saúde mental. Apresentam assim maior probabilidade de: (i) uso de substâncias durante a vida (i.e., álcool, tabaco, drogas, etc.); (ii) problemas de saúde mental e (iii) serem vítimas de violência em diferentes contextos da sua vida (i.e., abuso físico, abuso sexual, na escola, no trabalho, etc.) (Coulter et al., 2019). São ainda de destacar a experiência acrescida de sofrimento emocional e psicológico, baixa auto-estima, altos níveis de ansiedade (Hinduja & Patchin, 2011), isolamento, tristeza, solidão (António et al., 2012), comportamentos sexuais de risco, depressão, ideação suicida (Russell et al., 2011) ou mesmo tentativa de suicídio (Walker, 2015). No estudo

de Cooper e Blumenfeld (2012), 56% dos/as participantes LGBT assumiram sentir-se deprimidos devido à vitimização em contexto *online*, enquanto 19% relataram possuir ideias suicidas pela mesma razão.

O presente estudo

A pesquisa realizada permitiu verificar que não existem trabalhos de revisão sistemática que abordem estes tópicos. Esta dissertação descreve uma revisão sistemática da literatura que explora a associação entre as representações binárias e tradicionais da sexualidade e do género sobre a forma de cyberbullying e os impactos junto de pessoas não hétero-cis-normativas.

Como questão de investigação definiu-se: “Qual a associação entre exposição ao *genderbullying* online e saúde mental?”

Os principais objetivos deste estudo são: (i) reunir, sistematizar e examinar as evidências de estudos empíricos existentes que envolvam a associação entre ódio *online* e *cyberbullying* associado ao género e à sexualidade e saúde mental em pessoas LGBT e (ii) analisar, identificar e discutir as implicações e as limitações da literatura, quer para a investigação futura quer para a prática.

Método

Metodologia de pesquisa

Esta revisão sistemática da literatura irá basear-se na metodologia estabelecida pela Declaração PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*) com o objetivo de promover a qualidade e a fiabilidade da mesma. O modelo PRISMA engloba uma *checklist* constituída por 27 itens e um fluxograma de 4 etapas (Moher, et al., 2009).

Nesta revisão sistemática da literatura foram pesquisados artigos publicados nas bases de dados APA *PsycInfo* (n=118) e *Web of Science* (n=275) entre janeiro de 2014 e junho de 2020. Foram definidas como palavras-chave: *online hate speech*; *cyberbullying*; *genderbullying*; *bullying*; *impact*; *sexual orientation*; *gender identity*; *minority groups*; *gender non-conformity*. No que concerne à estratégia de pesquisa, os estudos foram pesquisados através da utilização das seguintes combinações de termos de pesquisa: ((AB *cyberbullying* OR *cyberbull* OR *cyberhate* OR *hate speech* OR *online hate speech* OR *gender bullying* OR *gender bashing* OR *cyber harassment* OR

gender trolling OR technology violence) AND (AB *lgbtq OR lesbian OR gay OR homosexual OR bisexual OR transgender OR homosexual OR queer OR sexual minority OR sexual minority groups OR LGBT community OR gender identity OR gender stereotype OR minority groups OR gender non-conformity OR gender fluid OR gender bending*) AND (*gender morality OR traditional gender roles OR gender stereotypes OR binarism OR transphobia OR homophobia OR masculinity OR antifeminism OR gender role beliefs OR gender identities OR sexism OR gender bias OR gender stigma*)) NOT (*hate crimes OR perpetration*).

A pesquisa bibliográfica foi restringida a artigos publicados em língua inglesa, portuguesa e espanhola. Os títulos, resumos e palavras-chave de todas as citações geradas a partir da combinação dos termos anteriormente referidos, foram analisados com o objetivo de identificar artigos potencialmente elegíveis para a revisão.

Seleção dos estudos

O processo de pesquisa, assim como de exclusão dos artigos nas diferentes etapas encontra-se ilustrado na Figura 1. Através da pesquisa inicial nas bases de dados, foram identificados 393 artigos. Após serem eliminados os estudos duplicados, restaram 319 artigos. A triagem dos títulos e resumos permitiu a exclusão de 209 artigos. Foram definidos como critérios de exclusão para remover os artigos para a presente revisão: (i) ser uma revisão sistemática da literatura ou meta-análise; (ii) estudos empíricos publicados em capítulos, dissertações de mestrado e/ou doutoramento ou revistas científicas sem revisão por pares; (iii) artigos que não estivessem inseridos no período de tempo entre 2014 e 2020; (iv) artigos redigidos em outras línguas, que não português, inglês ou espanhol; (v) validação de escalas, programas ou questionários; (vi) os participantes serem crianças ou idosos e (vii) artigos que não estabelecem associações entre o ódio *online* ou *cyberbullying* com as representações da sexualidade e do género e o impacto junto de pessoas não hétero-cis-normativas.

Dos 110 artigos rastreados, foram eliminados 100, uma vez que não se demonstravam elegíveis para serem incluídos na presente revisão, com base na aplicação dos critérios de exclusão. Desta forma, 10 artigos cumpriram os critérios de inclusão e foram integrados nesta revisão.

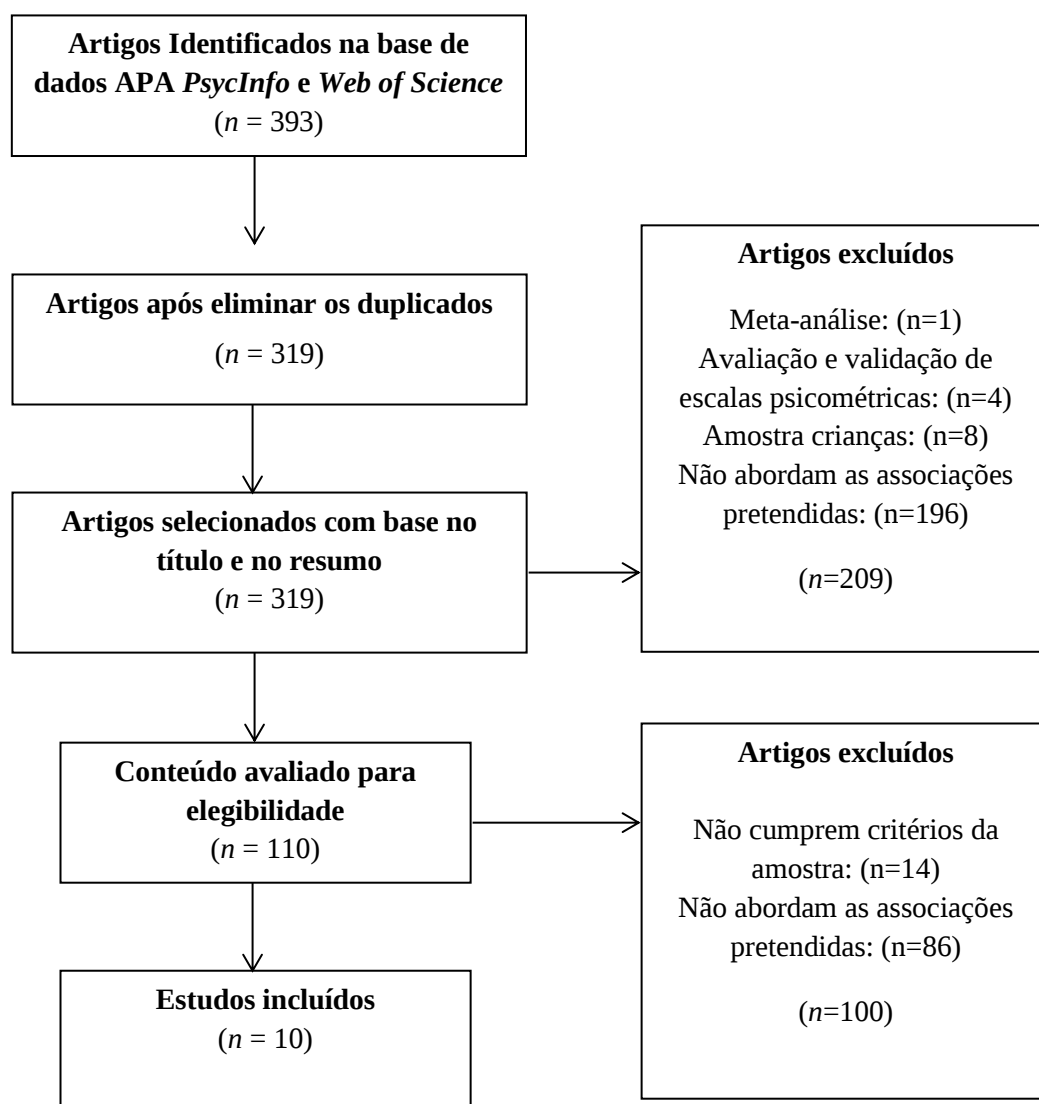


Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos

Codificação dos estudos

Após a seleção dos estudos, os artigos incluídos na revisão foram codificados através de uma folha de cotação pré formulada com os seguintes critérios: (i) estudo (autores do estudo e ano de publicação); (ii) design do estudo (método); (iii) idade dos participantes; (iv) tamanho da amostra e população; (v) instrumentos; (vi) variáveis em estudo e (vii) resultados.

Estratégia de análise

O método utilizado para a revisão explora a associação entre as representações binárias e tradicionais da sexualidade e do gênero com o ódio *online*, pelo qual foram classificados e extraídos os principais temas abordados. Todos os estudos que cumpriam os critérios foram revistos por dois investigadores de forma independente, para tomada de decisão relativamente à inclusão ou extração de dados. Eventuais desacordos entre os investigadores foram resolvidos por meio de discussão de modo a atingir um consenso.

Resultados

Características dos estudos

As características metodológicas dos dez estudos incluídos na revisão encontram-se na Tabela 1, onde se descreve o design do estudo, a população estudada, os instrumentos utilizados e o tipo de intervenção (se aplicável), bem como as autorias, ano de publicação e país.

Caraterísticas metodológicas dos estudos. O *SCImage Journal & Coutry* é uma plataforma que inclui os periódicos e indicadores científicos. É utilizada para avaliar e analisar domínios científicos (i.e., indicador de visibilidade) classificando as revistas em que os artigos foram publicados, nas áreas de psicologia, neurociência e medicina. Dos estudos incluídos nesta revisão, a maioria dos artigos encontra-se publicados em periódicos no quartil um (Q1) e apenas dois artigos no quartil dois (Q2) (Myers et al., 2017; Wang et al., 2018). Estes quartis indicam que os artigos foram publicados em revistas de alto impacto na sua área.

Os estudos presentes nesta revisão foram publicados entre 2015 e 2019. A maioria dos estudos foi desenvolvida nos Estados Unidos da América, três em Taiwan (Wang et al., 2018; Hu et al., 2019; Wang et al., 2019) e um no Canadá (Cénat et al., 2015).

Os dez artigos nomeados utilizaram uma metodologia quantitativa de análise de dados e aplicam um desenho transversal e correlacional, com a exceção do estudo de Watz-Wise et al. (2017) que utilizou a análise de uma base de dados longitudinal. Relativamente às medidas aplicadas nos estudos selecionados, a maioria optou pela utilização de medidas/instrumentos validados e/ou adaptados, com descrição de qualidades psicométricas adequadas, à exceção dos estudos de Bouris et al. (2015),

Reisner et al. (2015) e Phillips et al. (2017) que optaram pela utilização de questionários desenvolvidos pelos próprios autores.

Participantes. Os participantes dos estudos eram adolescentes e jovens adultos. O intervalo de idade dos participantes recrutados variou entre os 13 anos (Myers et al., 2017; Reisner et al., 2015) e os 25 anos de idade (Myers et al., 2017; Hu et al., 2019; Wang et al., 2018; Wang et al., 2019).

O tamanho da amostra dos estudos variou entre os 305 (Hu et al., 2019) e os 81,855 (Eisenberg et al., 2019). Na maioria dos estudos selecionados a amostra era composta pelas diversas orientações sexuais e identidades de género (e.g, gays, lésbicas, bissexuais, transgéneros, queer, cisgéneros ou heterossexuais). Os estudos que apresentam um menor número de participantes são aqueles que selecionaram apenas homens gays ou bissexuais como participantes (Wang et al., 2018; Hu et al., 2019; Wang et al., 2019).

No que diz respeito ao recrutamento dos participantes, a maioria dos estudos utilizou o recurso a plataformas *online* (e.g, Facebook, Twitter, Snapchat, etc.) compartilhando também as informações sobre os mesmos em páginas iniciais de centros de aconselhamento e promoção de saúde para a comunidade LGBT. Em quatro dos estudos recorreu-se ao recrutamento dos participantes em escolas (Eisenberg et al., 2019; Cénat et al., 2015; Bouris et al., 2015; Phillips et al., 2017) e num outro estudo foi analisada uma base de dados longitudinal (Katz-Wise et al., 2017).

Tabela 1. Síntese das características metodológicas

Estudo	Método	Idades	População N	Instrumentos	Variáveis em estudo	Resultados
Bouris et al. (2015)	Quantitativo	14-18 (M=15,7)	1,907 - LGBTQ	Questionário desenvolvido pelos autores	<i>Cyberbullying</i> e suicídio	Adolescentes LGBTQ apresentam um maior risco de suicídio do que adolescentes heterossexuais.
Reisner et al. (2015)	Quantitativo	13-18	5,907 - LGBTQ	Questionário desenvolvido pelos autores	<i>Cyberbullying</i> e uso de substâncias	Jovens que não se conformam com o gênero sofrem mais vitimização, tanto <i>online</i> como <i>offline</i> e têm uma maior tendência para consumir substâncias do que os pares cisgênero.
Cénat et al. (2015)	Quantitativo	14-20 (M=15.4; DP=0.11)	8,194 - Heterossexuais e LGBTQ	Questionário desenvolvido pelos autores; Short version SDQ ¹ ; K10 ²	<i>Cyberbullying</i> , bullying homofóbico e saúde mental	Os jovens LGBTQ são mais propensos a sofrer diversos tipos de vitimização e a relatar mais sofrimento psicológico, baixa auto-estima e ideações suicidas.
Katz-Wise et al. (2017)	Quantitativo	22-30 (M=22.9; DP=1.6)	1461- Heterossexuais, LGB	Base de dados longitudinal	<i>Cyberbullying</i> e saúde mental	Indivíduos LGBTQ apresentam uma maior probabilidade de sofrer vitimização, afetando a sua saúde mental.
Myers et al. (2017)	Quantitativo	13-25 (M=19.6; DP=3.03)	1,182 - LGBTQ	VPBS ³ , BYS-S ⁴ , CQ ⁵	Bullying tradicional e <i>cyberbullying</i>	Jovens de minorias sexuais e de gênero apresentam maior probabilidade de sofrer qualquer tipo de vitimização.
Phillips et al. (2017)	Quantitativo	14-18	15,624 - Adolescentes heterossexuais e	Questionário desenvolvido pelos autores	<i>Cyberbullying</i> e consumo de álcool	O consumo de álcool é maior entre jovens LGBT do que nos seus pares heterossexuais.

LGBQ						
Wang et al. (2018)	Quantitativo	20-25 (M=22.9; DP=1.6)	500 - Homens homossexuais e bissexuais	C-SBEQ ⁶ ; CEQ ⁷ ; MC-CES-D ⁸ ; STAI-S – 20 itens ⁹ ; Subescala de dor física do questionário de qualidade de vida de adolescentes taiwaneses ¹⁰ ; APGAR ¹¹ ; Questionário sociodemográfico	<i>Cyberbullying</i> e saúde mental	As vítimas de qualquer tipo de <i>bullying</i> homofóbico na infância têm mais probabilidade de sofrer depressão, ansiedade e dor física mais severas na idade adulta.
Hu et al. (2019)	Quantitativo	20-25 (M=23.1; DP=1.7)	305 - Homens homossexuais e bissexuais	WHOQOL-BREF Taiwan version ¹² ; C-SBEQ ¹³ ; CEQ – 3 itens ¹⁴ ; Questionário sociodemográfico	<i>Cyberbullying</i> e qualidade de vida	A vitimização por <i>bullying</i> tradicional e o <i>cyberbullying</i> foram significativamente associados a uma menor qualidade de vida.
Wang et al. (2019)	Quantitativo	20-25 (M=22.9; DP=1.6)	500 - Homens homossexuais e bissexuais	Kiddie-SADS - 5 itens ¹⁵ ; Questionário sociodemográfico; Questionário sobre a sexualidade e gênero; C- SBEQ – 6 itens ¹⁶ ; CEQ -3 itens ¹⁷ ; APGAR – 5 itens ¹⁸	<i>Cyberbullying</i> e suicídio	<i>Outing</i> precoce, tradicional e <i>cyberbullying</i> homofóbico e um baixo suporte da família na infância, aumenta o risco de suicídio na idade adulta emergente.
Eisenberg et al. (2019)	Quantitativo	14-17	81,855 – LGBQ, TGD	MSS ¹⁹ ; PHQ-2 ²⁰ ; Questionário sociodemográfico	<i>Cyberbullying</i> e saúde mental	Jovens de minorias sexuais e de gênero relatam significativamente níveis mais elevados de sofrimento emocional.

¹Short version of Self- Description Questionnaire (SDQ) (Marsh and O'Neill, 1984) ²10-items Kessler Psychological Distress Scale (K10) (Kessler et al., 2002); ³ Verbal and Physical Bullying Scale (VPBS) (Swearer, 2001; Swearer et al., 2008); ⁴Bully Survey – Student Version (BYS) (Swearer, 2001); ⁵Cyberbullying Questionnaire (CQ) (Myers, 2016); ⁶Chinese version of the School Bullying Experience Questionnaire (C-SBEQ) (Yen et al., 2012) ⁷Cyberbullying Experiences Questionnaire (CEQ) (Yen et al., 2014) ⁸Mandarin chinese version of the center for epidemiological studies-Depression scale (MC-CES-D) (Radloff, 1977); ⁹State subscale on the state-Trait anxiety inventory form Y (STAI-S) (Spielberger et al., 1983); ¹⁰Subescala de dor física do questionário de qualidade de vida de adolescentes taiwaneses (TQOLQA) (Yang et al., 2012); ¹¹Chinese version of the Family and Peer adaptation, Partnership, Growth, Affection, Resolve (APGAR) (Chen et al., 1980; Smilkstein, 1978); ¹²World Health Organization Quality of Life (WHOQOL-BREF Taiwan version) (Yao et al., 2002); ¹³Chinese version of the School Bullying Experience Questionnaire (C-SBEQ) (Yen et al., 2012); ¹⁴Cyberbullying Experiences Questionnaire (CEQ) (Yen et al., 2014); ¹⁵ Kiddie-Schedule for Affective Disorders and Schizophrenia (Kiddie-SADS) (Puig-Antich & Chambers, 1978); ¹⁶Chinese version of the self-report School Bullying Experience Questionnaire (C-SBEQ) (Yen, et al., 2012); ¹⁷Cyberbullying Experiences Questionnaire (CEQ) (Yen et al., 2014); ¹⁸ Chinese version of the 5-item self-administered Family Adaptation, Partnership, Growth, Affection, Resolve (APGAR) (Chen et al., 1980; Smilkstein, 1978); ¹⁹Minnesota Student Survey (MSS) (Minnesota Departments of Education, 1989); ²⁰Patient Health Questionnaire-2 (PHQ-2) (Kroenke, et al., 2003; Richardson et al., 2010)

Genderbullying e Impacto na Saúde Mental

Na globalidade, os resultados obtidos na revisão dos estudos vão de encontro ao que foi identificado na literatura, no que diz respeito ao impacto do *cyberbullying* na diversidade sexual e de género. Desta forma, é possível perceber que pessoas não hétero-cis-normativas apresentam maior probabilidade de sofrer qualquer tipo de vitimização quando comparados com pares heterossexuais e que se conformam com o género (Cénat et al., 2015; Katz-Wise et al., 2017; Myers et al., 2017; Wang et al., 2018; Eisenberg et al., 2019).

É de notar que os indivíduos bissexuais são mais propícios a relatar experiências de vitimização *online* (e.g., publicações em redes sociais, salas de chat, etc.) do que os pares homossexuais e heterossexuais. Este é o grupo que apresenta mais problemas de saúde mental, pois tende a sofrer vitimização por parte dos pares homo e heterossexuais. Os indivíduos que se auto identificam como bissexuais, pansexuais ou queer, reportam vitimização por *cyberbullying* mais frequente quando comparados com heterossexuais, gays e lésbicas. Desta forma, é possível perceber que indivíduos que se identificam como bissexuais podem ser menos aceites que gays ou lésbicas e os pontos de vista monossexistas permitem experiências sociais de indivíduos bissexuais e pansexuais. Assim, indivíduos que se identificam não monossexuais podem estar em risco de vitimização frequente, particularmente através de modalidades *online*. Existem também diferenças na frequência em relação ao género, indivíduos que se identificam como transgéneros reportam elevada vitimização em contexto *online* quando comparados com homens, mulheres, genderqueer e pangender. Assim, dada a frequência e difusão do abuso, estes indivíduos podem estar em risco de problemas significativos de saúde mental (Myers et al., 2017).

A alta prevalência de problemas de saúde mental reportados por estes indivíduos está parcialmente associada com o contexto *online*, pois estes não têm controlo sobre a rápida propagação de mensagens e insultos, podendo causar uma sensação de sobreexposição. Não obstante, as vítimas de qualquer tipo de *bullying* homofóbico na infância apresentam maior tendência para sofrer depressão, ansiedade e dor física na idade adulta emergente do que as não vítimas. Este tipo de vitimização pode perturbar o controlo cognitivo e emocional das vítimas, o que aumenta os riscos de problemas de saúde mental (Cénat et al., 2015). Este tipo de vitimização surge associado a elevados níveis de stress psicológico, baixa auto-estima e ideação suicida (Eisenberg et al.,

2019). Nas mulheres bissexuais, a vitimização está associada a sintomas depressivos. No caso dos homens está associada maioritariamente a sintomas de ansiedade (Katz-Wise et al., 2017).

No que diz respeito ao risco de suicídio, indivíduos LGBT e que não se conformam com o género apresentam um maior risco de suicídio do que os seus pares heterossexuais e que se conformam com o género, considerando a influência simultânea de vários tipos de vitimização e violência. Estes adolescentes apresentam ideias suicidas, um plano de suicídio e pelo menos uma tentativa de suicídio (Bouris et al., 2015; Wang et al., 2019).

No que concerne ao uso de substâncias e consumo de álcool, indivíduos LGBT e que não se conformam com o género apresentam maior probabilidade de possuir este tipo de comportamento de risco. Os jovens que não se conformam com o género apresentam uma maior tendência para consumir substâncias do que os pares cisgénero. Estes consomem estas substâncias muitas vezes para enfrentar experiências externas de vitimização e como estratégia de *coping* para gerir stress sociais (Reisner et al., 2015). Em relação ao consumo de álcool, os alunos bissexuais apresentam uma maior tendência para consumir do que os pares homossexuais e heterossexuais e os jovens que não tinham a certeza da sua identidade sexual eram significativamente mais propensos a consumir álcool antes dos 13 anos de idade do que os seus pares heterossexuais (Phillips et al., 2017).

No que toca à qualidade de vida, a vitimização tradicional foi significativamente associada a uma menor qualidade de vida nos domínios físico e de relacionamento social, e a vitimização *online* foi associada a uma menor qualidade de vida nos domínios físico, psicológico e ambiental. Esta vitimização pode aumentar a desregulação emocional, problemas sociais e interpessoais e processos cognitivos, o que consequentemente pode levar as vítimas a adotar comportamentos de risco. A vitimização *online* está associada a uma menor qualidade de vida no domínio ambiental, pois a Internet é utilizada para gerir as tarefas diárias e evitar o assédio tradicional. Existem diferenças entre os dois tipos de vitimização, na vitimização em contexto *online*, os agressores permanecem anónimos e o seu comportamento *online* é visível a um grupo grande de indivíduos, praticamente ilimitado, o que causa nas vítimas um sentimento de insegurança e de medo pois o conteúdo persiste muito depois da ofensa inicial. A baixa masculinidade auto relatada e a aceitação social percebida em

relação à homossexualidade e bissexualidade foram significativamente associadas a uma menor qualidade de vida em vários domínios. A qualidade de vida das pessoas LGBT foi maior em culturas com atitudes de aceitação em relação à homossexualidade e bissexualidade do que em culturas com atitudes restritivas. O endosso de uma cultura heteronormativa contribui para a extensão do assédio homofóbico dirigido a pessoas LGBT. Homens gays e bissexuais que percebem níveis mais baixos de masculinidade podem ser rejeitados por membros de uma cultura heteronormativa durante as diferentes fases da sua vida. Os efeitos negativos do sentimento de rejeição de uma cultura heteronormativa podem comprometer a regulação emocional e as habilidades sociais destes homens, ambas essenciais para uma boa qualidade de vida (Hu et al., 2019).

Discussão

Nesta análise sistemática foram selecionados e revistos estudos empíricos que permitiam reconhecer o impacto da vitimização em contexto *online* junto de pessoas sexualmente diversas ou com identidades de género não hétero-cis-normativas. Como se pode verificar pelo resultado do número de estudos incluídos na revisão, a investigação sobre este tema é ainda escassa. Recorrentemente, a investigação com esta população centra-se maioritariamente noutros tipos de violência (e.g., violência nas relações de intimidade) menos na violência em contexto *online*.

Os resultados desta revisão apontam na mesma direção de outros estudos que evidenciam que indivíduos LGBT e que não se conformam com o género apresentam maior vulnerabilidade para sofrer comportamentos de assédio, intimidação e discriminação em contexto *online* (Abreu & Kenny, 2017). Nesta revisão foi possível encontrar evidência de impacto na saúde mental: comportamentos de risco e sintomatologia clínica por parte de indivíduos LGBT e que não se conformam com o género, devido à exposição ao estigma e à discriminação proveniente da sociedade, tanto em contexto *online* como *offline*.

Verifica-se que indivíduos LGBT e que não se conformam com o género apresentam níveis mais elevados de stress psicológico, baixa auto-estima e depressão do que pares heterossexuais. Apesar de não evidenciarem diferenças claras entre grupos LGBT os resultados parecem sugerir algumas variações de *distress* psicológico.

Indivíduos bissexuais e queer parecem apresentar níveis mais baixos de saúde mental. Este resultado veio apoiar o que tem vindo a ser documentado noutros estudos, que mostram que os indivíduos bissexuais relatam níveis mais elevados de sofrimento psicológico e são mais propensos a experienciar dificuldades na saúde mental, o que estará relacionado maioritariamente com o efeito de duplo estigma (i.e., tanto de heterossexuais como de homossexuais). Um outro estudo refere que os indivíduos bissexuais e queer são um grupo de maior vulnerabilidade para problemas de saúde mental comparativamente com heterossexuais ou lésbicas/gays, devido à sobrecarga e aos desafios que estes grupos enfrentam. Este sofrimento poderá derivar da exposição à crença de que são confusos em relação à atração e à orientação sexual (Francisco et al., 2020).

Os problemas relativos à saúde mental abordados anteriormente, são vistos como fatores de risco que aumentam o nível de risco de suicídio, bem como o consumo de substâncias e álcool (Johnson et al., 2013). É possível verificar uma correlação positiva entre o suicídio e a vitimização online na população LGBT e que não se conforma com o género (Abreu & Kenny, 2017). O crescente uso das TIC como plataforma de assédio e discriminação apresenta um elevado impacto na vida destes indivíduos. Duong & Bradshaw (2014) no seu estudo mostram que experienciar as duas formas de bullying (e.g., online e offline) em simultâneo, aumentam drasticamente o nível de risco de suicídio, do que apenas sofrer um tipo de bullying. Indivíduos LGBT e que não se conformam com o género apresentam também consumos mais elevados de substâncias e álcool do que indivíduos heterossexuais (Birket et al., 2009). Cornejo (2018), no seu estudo mostra que estes indivíduos são mais propensos a este tipo de consumo, pois utilizam o mesmo como método para escapar do clima hostil que os rodeia.

Em relação à qualidade de vida, o estudo de Lu e colaboradores (2019) refere que indivíduos LGBT e que não se conformam com o género apresentam uma qualidade de vida inferior em todos os domínios (i.e., físico, psicológico, relações sociais e ambiente) comparativamente com os seus pares heterossexuais, o que vai de encontro com o que foi revisto, pois, a vitimização *online* foi associada a uma menor qualidade de vida nos domínios físico, psicológico e ambiental.

Limitações

Os estudos selecionados nesta revisão apresentaram um conjunto de limitações metodológicas e conceptuais. Foram incluídos todos os estudos que cumpriam os critérios de inclusão, independentemente da sua qualidade metodológica. Parte dos instrumentos presentes nos estudos foram construídos pelos próprios autores o que pode enviesar os resultados, assim como também dificultar a sua replicação, reduzindo a comparabilidade dos resultados entre os diferentes estudos (Bouris et al., 2015; Reisner et al., 2015; Cénat et al., 2015; Phillips et al., 2017).

No estudo de Katz-Wise e colaboradores (2017) foi utilizada uma amostra de outro estudo longitudinal, sendo este desenvolvido para a *Nurses' Health Study II* (i.e., investigação sobre os fatores de risco para as principais doenças crónicas em mulheres). A limitação prende-se assim com o facto de que o instrumento foi construído para o estudo longitudinal, não tendo foco na população LGBT, sendo apenas utilizadas parte das questões presentes no instrumento aplicado, as quais abordavam os temas da orientação sexual e identidade de género.

O facto da maioria dos estudos ter recorrido a plataformas *online* como forma de recrutamento (Reisner et al., 2015; Myers et al., 2017; Wang et al., 2018; Hu et al., 2019; Wang et al., 2019), é considerada uma limitação, pois este formato exigia aos participantes que fossem alfabetizados e tivessem acesso ao computador, sendo este um factor limitador, pois delimita a cooperação dos participantes possivelmente elegíveis ao estudo, pela falta de meios tecnológicos. Além do que, a realização de inquéritos *online* pode potenciar um viés, pois é mais difícil controlar a desejabilidade social. Ao utilizar estas plataformas poderão existir diferenças na interpretação dos resultados, pois os sentimentos e significados dados pelos participantes não são controlados pelo investigador. Outra das limitações encontradas na aplicação dos instrumentos deve-se ao facto dos mesmos poderem despoletar e reativar fortes reações emocionais aos eventos traumáticos vivenciados pelos participantes.

Por fim, alguns artigos não apresentam a média e desvio-padrão relativamente à idade dos participantes (Bouris et al., 2015; Reisner et al., 2015; Phillips et al., 2017; Eisenberg et al., 2019), o que pode dificultar a interpretação desta variável, uma vez que a não presença destes dados nos estudos poderão propiciar alguns erros nos resultados e na análise das suas conclusões.

Limitações da presente revisão sistemática

Após a análise dos diferentes estudos integrados nesta revisão, foram identificadas algumas limitações. Relativamente aos estudos presentes na revisão, estes apresentam uma metodologia quantitativa de análise de dados. No que concerne à obtenção dos dados, podia ser profícuo a utilização de diversas metodologias (e.g., metodologia qualitativa – entrevistas) de modo a obter dados diversificados e diferenciados sobre a temática.

Devido ao número reduzido de estudos incluídos na revisão, os resultados da mesma não são considerados representativos e, por essa razão, não generalizáveis. Seguidamente, uma das limitações prende-se com o facto de ser necessário realizar pesquisas em bases de dados diversas, de modo a poder identificar possíveis artigos elegíveis para esta revisão.

Seria relevante realizar uma análise cronológica mais extensa, de modo a conseguir identificar e analisar possíveis artigos elegíveis para esta revisão sistemática. Contudo, os artigos disponíveis encontravam-se datados no tempo, visto o tema em análise ser bastante recente.

Outra das limitações encontradas está direccionada para o facto de os estudos elegíveis na revisão não estudarem de forma clara a percepção do impacto da vitimização, criando uma limitação na sua análise.

Implicações para a prática e estudos futuros

Uma das limitações mais notáveis ao longo da revisão foi a inexistência de estudos que abordem o impacto da vitimização *online* na diversidade sexual e de género diretamente, sendo necessária a criação de um instrumento de mensuração que permite estudar o pretendido, pois é de notar uma falta de uniformidade quanto às definições e medidas de avaliação.

Relativamente a estudos futuros, pensa-se ser de extrema importância analisar este fenómeno através de métodos qualitativos de forma a compreender e a caracterizar as experiências das vítimas em relação à vitimização *online*. Seria também interessante comparar as vítimas e os agressores, através deste método, relativamente à saúde física e mental. Sugere-se também a formação de grupos focais com indivíduos homossexuais e que não se conformam com o género como forma de recolha de dados, com o

objetivo de proporcionar discussões entre os participantes e reunir informações detalhadas sobre a temática em questão.

Poderiam ser desenvolvidos estudos longitudinais com o objetivo de avaliar o efeito e impacto que o *cyberbullying* apresenta nos indivíduos LGBT e que não se conformam com o género, podendo verificar as mudanças ao longo do tempo, fazer observações e detetar alterações, permitindo estabelecer uma sequência coerente entre os dados. Além disso, esta metodologia é importante para examinar a relação entre variáveis.

Relativamente aos fatores de risco e proteção, não foram encontrados estudos que façam referência aos mesmos nas pessoas não hétero-cis-normativas. O estudo desta temática seria uma mais-valia para a psicologia, pois os profissionais conseguiriam compreender estes fatores, assim como crenças e comportamentos relacionados, desenvolvendo assim alternativas para a prevenção e intervenção psicológica. Não obstante, é de suma importância distinguir e comparar contextos (i.e., *online* e *offline*) para uma melhor perceção das suas diferenças.

Independentemente das limitações, este estudo contribuiu para uma melhor compreensão relativamente ao impacto da vitimização nas vítimas de *cyberbullying*. Possibilitou também o apoio à não discriminação, utilizando uma linguagem inclusiva e não discriminatória. Concomitantemente permite aos profissionais compreender fundamentos que podem levar a determinados comportamentos de risco e mostra que é necessário tornar este tipo de violência visível, possibilitando assim a sua avaliação e a planificação de intervenções, assim como programas preventivos. Estes programas de prevenção para reduzir a discriminação, estigmatização e o *cyberbullying*, devem apresentar um carácter multidisciplinar para a obtenção de resultados significativos (e., g., escola – realiza ações de sensibilização, promovendo a tolerância e a diversidade; psicólogos - realizam intervenção clínica).

Globalmente é essencial que os profissionais que trabalham com a diversidade sexual e de género apresentem diversas competências, assim como responsabilidade ética, social e profissional acrescida em relação à extinção do estigma e da discriminação.

Referências Bibliográficas

- Abreu, R. L., & Kenny, M. C. (2017). Cyberbullying and LGBTQ Youth: A Systematic Literature Review and Recommendations for Prevention and Intervention. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 11(1), 81–97. <https://doi.org/10.1007/s40653-017-0175-7>
- Alden, H. L., & Parker, K. F. (2005). Gender role ideology, homophobia and hate crime: Linking attitudes to macro-level anti-gay and lesbian hate crimes. *Deviant behavior*, 26(4), 321-343. <http://doi.org/10.1080/016396290931614>
- Almeida, J., & Carvalheira, A. A. (2007). Flutuações e diferenças de gênero no desenvolvimento da orientação sexual: Perspectivas teóricas. *Análise Psicológica*, 3 (XXV), 343-350. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v25n3/v25n3a03.pdf> Acedido a: 15 de Março de 2020
- António, R., Pinto, T., Pereira, C., Farcas, D., & Moleiro, C. (2012). Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal. *Psicologia*, 26(1), 17-32. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v26n1/v26n1a02.pdf> Acedido a: 16 de Março de 2020
- Birkett, M., Espelage, D. L., y Koenig, B. (2009). LGB and Questioning Students in Schools: The Moderating Effects of Homophobic Bullying and School Climate on Negative Outcomes. *Journal of Youth and Adolescence*, 38(7), 989–1000. <http://doi.org/10.1007/s10964-008-9389-1>
- *Bouris, A., Everett, B. G., Heath, R. D., Elsaesser, C. E., & Neilands, T. B. (2016). Effects of victimization and violence on suicidal ideation and behaviors among sexual minority and heterosexual adolescents. *LGBT health*, 3(2), 153-161. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2015.0037>
- Campbell, M. A., Slee, P. T., Spears, B., Butler, D., & Kift, S. (2013). Do cyberbullies suffer too? Cyberbullies' perceptions of the harm they cause to others and to their own mental health. *School Psychology International*, 34(6), 613-629. <https://doi.org/10.1177/0143034313479698>
- Carrera-Fernández, M. V., Cid-Fernández, X. M., Almeida, A., González-Fernández, A., & Rodríguez Castro, Y. (2019). Gender-Bashing in Adolescents: Structural Relations with Heterosexual Matrix, Racism/Xenophobia and Attitudes Toward

Bullying. *Journal of school health*, 89(7), 536-548.

<https://doi.org/10.1111.josh.12778>

*Cénat, J. M., Blais, M., Hébert, M., Lavoie, F., & Guerrier, M. (2015). Correlates of bullying in Quebec high school students: The vulnerability of sexual-minority youth. *Journal of affective disorders*, 183, 315-321.

<https://doi.org/10.1016/j.jad.2015.05.011>

Cooper, R. M., & Blumenfeld, W. J. (2012). Responses to cyberbullying: A descriptive analysis of the frequency of and impact on LGBT and allied youth. *Journal of LGBT Youth*, 9(2), 153-177. <https://doi.org/10.1080/19361653.2011.649616>

Cornejo, J. (2018). Discriminación y violencia homofóbica en el sistema escolar: estrategias de prevención, manejo y combate. *Revista Brasileira de Educação*, 23.

<https://doi.org/10.1590/s1413-24782018230031>

Cortés, A. F., De los Ríos, O. L. H., & Pérez, A. S. (2019). Factores de riesgo y factores protectores relacionados con el cyberbullying entre adolescentes: una revisión sistemática. *Papeles del psicólogo*, 40(2), 109-124.

<https://doi.org/10.23923/pap.psicol2019.2899>

Coulter, R. W., Egan, J. E., Kinsky, S., Friedman, M. R., Eckstrand, K. L., Frankeberger, J., Folb, B.L., Mair, C., Markovic, N., Silvestre, A., Miller, E. & Stall, R. (2019). Mental health, drug, and violence interventions for sexual/gender minorities: a systematic review. *Pediatrics*, 144(3), e20183367. <https://doi.org/10.1542/peds.2018-3367>

Courtenay, W. H. (2000). Constructions of masculinity and their influence on men's well-being: a theory of gender and health. *Social science & medicine*, 50(10), 1385-1401.

[https://doi.org/10.1016/S0277-9536\(99\)00390-1](https://doi.org/10.1016/S0277-9536(99)00390-1)

Cuellar, L., & Acosta, M. (2013). El acoso escolar virtual, ¿un mundo sin límites?. In Acosta, M. M., Cuellar, L., & Martínez, J. (Eds), *El Bullying por Homofobia debe salir del clóset*, (p. 43-51). Banco Interamericano de Desarrollo. Disponível em:

<https://sentiido.com/wp-content/uploads/2014/10/Bullying-por-homofobia-completo-ebook-final.pdf#page=43> Acedido a: 16 de Março de 2020

Dantas, M. L. G., & Neto, A. D. F. P. (2015). O discurso homofóbico nas redes sociais da internet: Uma análise no Facebook “Rio sem Homofobia-Grupo Público”. *Cadernos do Tempo Presente*, (19). <https://doi.org/10.33662/ctp.v0i19.3896>

- de Castro Schreiber, F. C., & Antunes, M. C. (2015). Cyberbullying: do virtual ao psicológico. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 35(88), 109-125. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=946/94640400008> Acedido a: 6 de Fevereiro de 2020
- De Jesus, J. G. (2012). Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. *Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. Disponível em: <http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf> Acedido a: 13 de Março de 2020
- Duong, J., & Bradshaw, C. (2014). Associations between bullying and engaging in aggressive and suicidal behaviors among sexual minority youth: The moderating role of connectedness. *Journal of school health*, 84(10), 636-645.
<https://doi.org/10.1111/josh.12196>
- *Eisenberg, M. E., Gower, A. L., Rider, G. N., McMorris, B. J., & Coleman, E. (2019). At the intersection of sexual orientation and gender identity: variations in emotional distress and bullying experience in a large population-based sample of US adolescents. *Journal of LGBT youth*, 16(3), 235-254.
<https://doi.org/10.1080/19361653.2019.1567435>
- European Union Agency for Fundamental Rights. (2013). *EU LGBT Survey: European Union Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Survey: Results at a Glance*. Publications Office of the European Union. Disponível em: https://fra.europa.eu/sites/default/files/eu-lgbt-survey-results-at-a-glance_en.pdf. Acedido a: 9 de Janeiro de 2020
- Francisco, L. C. F. D. L., Barros, A. C., Pacheco, M. D. S., Nardi, A. E., & Alves, V. D. M. (2020). Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 69(1), 48-56. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000255>
- Francisco, L. C. F. D. L., Barros, A. C., Pacheco, M. D. S., Nardi, A. E., & Alves, V. D. M. (2020). Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 69(1), 48-56.
<http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000255>

- Frost, D. M., Lehavot, K., & Meyer, I. H. (2015). Minority stress and physical health among sexual minority individuals. *Journal of behavioral medicine*, 38(1), 1-8.
<https://doi.org/10.1007/s10865-013-9523-8>
- Gagliardone, I., Gal, D., Alves, T., & Martinez, G. (2015). Countering online hate speech. Unesco Publishing. hate speech. Unesco Publishing. Disponível em:
https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=WAVgCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA3&dq=Countering+online+hate+speech.+Unesco+Publishing.+hate+speech.+Unesco+Publishing&ots=Tc3j6mMKTW&sig=vFSv31ppRweXoUl8GWVdsMBKWyo&redir_esc=y#v=onepage&q=Countering%20online%20hate%20speech.%20Unesco%20Publishing.%20hate%20speech.%20Unesco%20Publishing&f=false Acedido a: 15 de Março de 2020
- Gercke, M. (2016). Understanding cybercrime: a guide for developing countries. Disponível em:
https://biblioteca.cejamericas.org/bitstream/handle/2015/3697/Understanding_Cy%20bercrime_Developing_Countries.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acedido a: 6 de Março de 2020
- Gonçalves, J. A. R., Costa, P. A., & Leal, I. (2018). Silver rainbow: estigma em homens gays idosos, uma perspetiva de stress minoritário. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 19(1), 80-86. <http://dx.doi.org/10.15309/18psd190112>
- Herek, G. M. (2004). Beyond “homophobia”: Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research & Social Policy*, 1(2), 6-24.
<https://doi.org/10.1525/srsp.2004.1.2.6>
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2011). Cyberbullying and Sexual Orientation. *Cyberbullying Research Center*. Disponível em: <http://www.cyberbullying.us/> Acedido a: 6 de Março de 2020
- *Hu, H. F., Chang, Y. P., Lin, C., & Yen, C. F. (2019). Quality of life of gay and bisexual men during emerging adulthood in Taiwan: Roles of traditional and cyber harassment victimization. *PLoS one*, 14(2), e0213015.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0213015>
- Jahankhani, H., Al-Nemrat, A., & Hosseinian-Far, A. (2014). Cybercrime classification and characteristics. In *Cyber Crime and Cyber Terrorism Investigator's Handbook* (pp. 149-164). Syngress. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-800743-3.00012-8>

- Johnson, R. B., Oxendine, S., Taub, D. J., & Robertson, J. (2013). Suicide prevention for LGBT students. *New Directions for Student Services*, 2013(141), 55-69.
<https://doi.org/10.1002/ss.20040>
- *Katz-Wise, S. L., Rosario, M., Calzo, J. P., Scherer, E. A., Sarda, V., & Austin, S. B. (2017). Associations of timing of sexual orientation developmental milestones and other sexual minority stressors with internalizing mental health symptoms among sexual minority young adults. *Archives of sexual behavior*, 46(5), 1441-1452.
<https://doi.org/10.1007/s10508-017-0964-y>
- Lu, W. H., Chang, Y. P., Lin, C. H., & Yen, C. F. (2019). Negative Facebook experiences among Taiwanese gay and bisexual men in emerging adulthood: associations with traditional harassment victimization and quality of life. *Neuropsychiatric disease and treatment*, 15, 1163. <http://doi.org/10.2147/NDT.S190878>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & Prisma Group. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS med*, 6(7), e1000097 <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>
- Monforte, J., & Colomer, J. Ú. (2019). ‘Como una chica’: un estudio provocativo sobre estereotipos de género en educación física (‘Like a girl’: a provocative study on gender stereotypes in physical education). *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, (36), 74-79. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6770629> Acedido a: 6 de Março de 2020
- *Myers, Z. R., Swearer, S. M., Martin, M. J., & Palacios, R. (2017). Cyberbullying and traditional bullying: the experiences of poly-victimization among diverse youth. *International Journal of Technoethics (IJT)*, 8(2), 42-60.
<http://doi.org/10.4018/IJT.2017070104>
- Pereira, H., & Costa, P. A. (2016). Modeling the impact of social discrimination on the physical and mental health of Portuguese gay, lesbian and bisexual people. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 29(2), 205-217. <https://doi.org/10.1080/13511610.2016.1157683>
- Pescitelli, A. (2013). MySpace or yours?: Homophobic and transphobic bullying in cyberspace (Dissertação de doutoramento). Simon Fraser University, Canadá. Disponível em: <http://summit.sfu.ca/item/13577> Acedido a: 15 de Março de 2020

- *Phillips II, G., & Turner, B. (2017). Victimization as a mediator of alcohol use disparities between sexual minority subgroups and sexual majority youth using the 2015 National Youth Risk Behavior Survey. *Physiology & Behavior*, 176(1), 139–148. <https://doi.org/10.1016/j.physbeh.2017.03.040>
- Pinheiro, L. (2009). Cyberbullying em Portugal: Uma perspectiva sociológica. (Dissertação de doutoramento). Universidade do Minho, Portugal. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf> Acedido a: 15 de Março de 2020
- *Reisner, S. L., Greytak, E. A., Parsons, J. T., & Ybarra, M. L. (2015). Gender minority social stress in adolescence: disparities in adolescent bullying and substance use by gender identity. *The Journal of Sex Research*, 52(3), 243-256. <https://doi.org/10.1080/00224499.2014.886321>
- Runions, K., Shapka, J. D., Dooley, J., & Modecki, K. (2013). Cyber-aggression and victimization and social information processing: Integrating the medium and the message. *Psychology of violence*, 3(1), 9. <https://doi.org/10.1037/a0030511>
- Russell, S., Ryan, C., Toomey, R., Diaz, R., & Sanchez, J. (2011). Lesbian, gay, bisexual, and transgender adolescent school victimization: Implications for young adult health and adjustment. *Journal of School Health*, 81(5), 223-230. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2011.00583.x>
- Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying?. *Scandinavian journal of psychology*, 49(2), 147-154. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x>
- Staudé-Müller, F., Hansen, B., & Voss, M. (2012). How stressful is online victimization? Effects of victim's personality and properties of the incident. *European Journal of Developmental Psychology*, 9(2), 260-274. <https://doi.org/10.1080/17405629.2011.643170>
- Varjas, K., Meyers, J., Kiperman, S., & Howard, A. (2013). Technology hurts? Lesbian, gay, and bisexual youth perspectives of technology and cyberbullying. *Journal of School Violence*, 12(1), 27-44. <https://doi.org/10.1080/15388220.2012.731665>
- Walker, C. (2015). An analysis of cyberbullying among sexual minority university students. *Journal of Higher Education Theory and Practice*, 15(7), 44. Disponível em: <http://digitalcommons.www.na->

businesspress.com/JHETP/WalkerC_Web15_7_.pdf Acedido a: 6 de Fevereiro de 2020

- *Wang, C. C., Lin, H. C., Chen, M. H., Ko, N. Y., Chang, Y. P., Lin, I. M., & Yen, C. F. (2018). Effects of traditional and cyber homophobic bullying in childhood on depression, anxiety, and physical pain in emerging adulthood and the moderating effects of social support among gay and bisexual men in Taiwan. *Neuropsychiatric disease and treatment*, 14, 1309. <http://doi.org/10.2147/NDT.S164579>
- *Wang, P. W., Ko, N. Y., Hsiao, R. C., Chen, M. H., Lin, H. C., & Yen, C. F. (2019). Suicidality among gay and bisexual men in Taiwan: Its relationships with sexuality and gender role characteristics, homophobic bullying victimization, and social support. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 49(2), 466-477. <https://doi.org/10.1111/sltb.12451>
- Wanzinack, C., & Reis, C. (2015). Cyberbullying e violência na rede: Relações entre poder e desenvolvimento no litoral do Paraná. In XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2414-1.pdf> Acedido a: 8 de Março de 2020
- Wiederhold, B. (2014). Cyberbullying and LGBTQ youth: a deadly combination. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17(9), 569-570. <https://doi.org/10.1089/cyber.2014.1521>
- Willard, N. (2005). Cyberbullying and Cyberthreats. OSDSF Nacional Conference. Washington. Disponível em: <http://bcloud.marinschools.org/SafeSchools/Documents/BP-CyberBandT.pdf> Acedido a: 15 de Março de 2020